

AS ESTAMPAS DO BOLSONARO²⁰¹⁸ E DO ELENÃO: ENFRENTAMENTO ESTÉTICO-POLÍTICO NO NOVO CENÁRIO BRASILEIRO E SUAS IMPLICAÇÕES POTENCIALIZADAS PELA VESTIMENTA NA CONVERGÊNCIA DAS MÍDIAS

Baga de Bagaceira Souza Campos¹
Hanna Claudia Freitas Rodrigues²

Resumo: O debate proposto para este artigo debruça-se sobre o uso das roupas com as estampas descritas com Bolsonaro²⁰¹⁸ e EleNãO, a partir da análise no campo de polarizações instauradas e dos enfrentamentos sociais, políticos e estéticos no Brasil. A partir de uma abordagem teórico-metodológica culturalista da política, que visa uma análise qualitativa das experiências estéticas do fenômeno sócio-político analisado, procuramos observar como o uso de uma das referidas estampa, além de configurar um posicionamento político e estético, também nos comunica sobre as atuações em que essa mídia em movimento pode implicar socialmente. Assim, refletiremos sobre os efeitos sensíveis que a roupa pode provocar enquanto atuação que se reverbera não somente nas relações sociais, como também no processo de convergência em que sua composição permite interagir com outras mídias, tornando-a potente enquanto fenômeno de observação de uma narrativa transmidiática, ao qual destacamos as novas faces de embate entre aqueles/as que expurgam os corpos não-hegemônicos e aqueles/as que defendem uma política anti-fascista. Portanto, é do nosso interesse rediscutir os movimentos que emplacaram as estampas, refletindo sobre como tais aparições se fortalecem e repotencializam nesse jogo de cisões. Palavras-chave: vestimenta; estampa; política; estética; Bolsonaro.

1 Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação Multidisciplinar em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia

2 Mestre em Comunicação pela Universidade Federal da Bahia

AS ESTAMPAS DO *BOLSONARO2018* E DO *ELENÃO*: ENFRENTAMENTO ESTÉTICO-POLÍTICO NO NOVO CENÁRIO BRASILEIRO E SUAS IMPLICAÇÕES POTENCIALIZADAS PELA VESTIMENTA NA CONVERGÊNCIA DAS MÍDIAS

Baga de Bagaceira Souza Campos
Hanna Claudia Freitas Rodrigues

Abstract: The debate proposed for this article deals with the use of clothing with the patterns described with *Bolsonaro2018* and *EleNãO*, based on the analysis in the field of established polarizations and the social, political and aesthetic confrontations in Brazil. From a culturalist theoretical-methodological approach to politics, which aims at a qualitative analysis of the aesthetic experiences of the analyzed socio-political phenomenon, we seek to observe how the use of one of these patterns, besides configuring a political and aesthetic position, also communicates us about the performances that this moving media can imply socially. Thus, we will reflect on the sensitive effects that clothing can cause as an action that reverberates not only in social relations, but also in the process of convergence in which its composition allows interacting with other media, making it potent as a phenomenon of observation of a narrative. We highlight the new faces of clash between those who purge non-hegemonic bodies and those who advocate an anti-fascist policy. There fore, it is in our interest to rediscuss the movements that made the prints, reflecting on how such apparitions strengthen and repotentialize in this game of splits. Keywords: clothes; impress; politics; aesthetics; Bolsonaro.

Introdução

Os gritos de “Bolsonaro 2018” e “Ele Não” estiveram presentes nos últimos meses no Brasil, processo o qual se intensificou com as eleições presidenciais de 2018. Instaurou-se, portanto, uma visível polarização observada tanto nas manifestações e nos debates quanto nas reverberações que esse momento histórico permitiu no novo cenário de convergências midiáticas, entrelaçando as relações comunicativas no social e nas redes digitais.

E esses gritos, berros, exaltações e agitações políticas não estiveram presentes somente no discurso verbal das comunicações midiáticas. Observamos uma presença gritante nas próprias estampas das vestimentas, usadas como forma de legitimar um posicionamento político e que aqui apontamos em sua ação política enquanto imagem que gera conflitos. Assim, a *mídia da roupa*, e que aqui defendemos como ponto chave na discussão sobre os efeitos que essa comunicação imagética causa, torna-se um campo que afeta não só a estética que compõe a aparência do indivíduo, mas também como fenômeno de observação dos sentidos que se interligam e interagem nas diversas formas de comunicar os desejos estampados diante do vínculo político que se construiu por meio das imagens representadas em nosso estudo pelas estampas *Bolsonaro2018* e *EleNãO*.

Tais estampas corporificaram em imagens dois projetos estético-políticos envoltos pelos tensionamentos da comunicação política durante a campanha eleitoral 2018 no Brasil: *Bolsonaro 2018* enquanto marketing da campanha do, à época, candidato Jair Bolsonaro (PSL), que partiu de premissas e de articulações conservadoras para obtenção de uma adesão social à contramão de um comportamento propositivo na disputa eleitoral, pautado em planos ou propostas de governo. O *EleNãO*, marca de caráter combativo, a princípio, da campanha eleitoral de Fernando Haddad (PT), que posteriormente ganhou adesão de outros candidatos de esquerda, movimento progressistas e até de movimentos políticos ditos não vinculados ao espectro partidário direita-esquerda.

Porém, esses desejos estampados podem exprimir formas de comunicação que nos avisam sobre os perigos que as extensionalidades² do corpo provocam diante das novas facetas de embate entre aqueles/as que expurgam os corpos não-hegemônicos e aqueles/as que defendem uma política anti-fascista. Desse modo, destacaremos os efeitos com que as vestimentas, com as citadas estampas, provocam entre sensações,

de convergência e de amplificação nas redes digitais. Estes destaques são parte de uma metodologia que se insere na reflexão sobre os estudos dessa mídia em movimento, observando sensivelmente as subjetividades aliadas às escritas nas estampas estudadas.

As subseções apresentadas neste trabalho envolvem-se sobre um viés que compreende as atuações do corpo e da vestimenta, indissociavelmente, enquanto ações políticas. Estas também são destacadas em suas características estéticas provocadas por esta política permitida pela imagem. Como outro ponto, abordaremos os aspectos sensíveis que tornaram o novo cenário brasileiro um ostensivo campo de forças polarizadas, encontradas visualmente nas comunicações das vestimentas. Abordaremos o entendimento do “outro” como aquele que, contrário as suas ideias, utiliza-se de específica comunicação em sua vestimenta, e aquilo que estampa, como forma de propagar seus posicionamentos. Por fim, apresentaremos as modulações provocadas por esses embates numa perspectiva que nos permita identificar nas convergências midiáticas (JENKINS, 2009) outro pólo de discussão a partir dos efeitos que as estampas podem apontar ao que se entenda como posicionamento político do sujeito, que a reveste não apenas de forma estética, mas também a incorpora a partir de seus referenciais afetivos, relacionais e culturais.

Corpos, vestimentas e estampas se enfrentam.

As novas caras e estampas da nova era política no Brasil são realmente significativas e valiosas para pensarmos em seus efeitos nos contextos sociais em que se inserem as formas de comunicar dos indivíduos. Roupas não estão sendo apresentadas apenas como roupa (ideia de inferioridade com a qual, muitas vezes, é analisada); destacamos sua potencialidade no gerenciamento das relações sociais e na provocação sobre as formas com as quais as percebemos cotidianamente e as suas implicações na movimentação política que se propagou no campo brasileiro. Por isso, torna-se imprescindível apontar a composição estética dessas estampas enquanto rigor teórico-metodológico mediante os efeitos que tais imagens provocam no campo de disputas sócio-políticas e de enfrentamento.

A aposta em analisar as estampas e a dessempeño vestimentar na disputa política contemporânea brasileira – e não tantas outras representativas manifestações ou tendências sócio-culturais passíveis de um posicionamento político a partir da expressividade – se dá pelo fato da nossa pretensão em ressaltar a dimensão política da imagem, a estética como prática de resistência ou imposição de projeto de dominação, o corpo vestimentar não como mero adereço,

1 Ver *Os Sentidos da Moda* (2005), da autora Renata Pitombo Cidreira. A autora toma como discussão de partida a vestimenta em seu aspecto midiático.

2 O autor Marshall McLuhan trabalha em seu livro *Os meios de comunicação como extensões do homem*, originalmente publicado em 1974, as diversas formas que compõem as extensões no corpo humano, a vestimenta é uma delas.

mas, antes, ferramenta capaz de gerir processos de formação de sentido, opinião pública e apreensão da realidade.

Nesse sentido, o fenômeno das estampas *Bolsonaro2018* e *EleNão* encaixam-se no entendimento vetorial de moda como elemento de destaque sobre os seus efeitos no regime do sensível, observando aqui os efeitos que os seus elementos instigam e propõem aos consumidores engajar-se. Diante o viés polarizado que objetivamos apresentar e destacando o fato de não haver uma neutralidade diante das inscrições nas estampas citadas, os discursos antagônicos observados pelas estampas tornaram-se, portanto, vetores de identificação de seus usuários, levando-se em conta que tais inscrições nas blusas, camisetas e demais adereços se farão potentes ao discurso não-verbal justamente por apelar através das imagens – seja o *EleNão* ou *Bolsonaro2018* – a instauração de uma política que permite ser observada num contexto de polarização e de embates impulsionados por discursos e afetações de cunhos extremos.

Conhecida como extensões da pele (MCLUHAN, 2005), as vestes são essa parte do nosso corpo que projetamos nossos sentimentos, nos definindo num grupo mas, ao mesmo tempo, provocando dúvidas no outro. Esse corpo é fundido tanto pelas vestes e variadas extensões que fascinam ainda mais as suas formas pelo movimento que carrega na consagração e facilitação de seu posicionamento político. Portanto, as estampas referenciadas nesse trabalho se fundem nas corporalidades de cada indivíduo de forma a provocar em seus elementos uma espécie de rede de conexão e disrupção, isto é, que une uns e separa outros.

Por isso que as estampas das campanhas *Bolsonaro2018* e *EleNão* são analisadas nesses dois campos de ambiguidade em que a vestimenta permite, então, percebermos como as suas midiatizações tornam esse lugar em que compartilhamos experiências (vestimentadas) próximas um do outro, mas que também nos individualiza e nos afasta; seguitando, assim, distintos caminhos traçados a partir de um determinado pensamento, seja ele político, estético, de gênero, sexual ou social. A funcionalidade prática determinada pela estampa diz respeito não somente pela sua aparição, ainda que fortemente o seja, porém aponta-nos para um lugar do discurso que vem muito antes dessa amostragem. O que queremos dizer com isso é que se vestimos determinada estampa – para além do prazer estético que ela provoca no outro – é porque nos associamos a um jogo em que determinada inscrição na roupa permite exprimir os anseios, afetos, inquietudes, etc. quando muitas vezes a fala não chega primeiro. É observado, por exemplo, que nos casos das estampas com as escrituras “Bolsonaro2018” e “EleNão” não há como se desvincilhar desse papel político do sujeito, principalmente aqueles que

engajadamente possuem afinidade com algum dos movimentos político-partidários do atual cenário brasileiro.

Pensando no envolvimento indissociável que é permitido na relação entre corpo e roupa e em todo o movimento e plasticidade que sua comunicação nos permite observar (CIDREIRA, 2005), os corpos, as vestes e suas estampas se inserem no e pelo discurso que suas inscrições permitem ao jogo das relações sociais, midiáticas e no traço de suas experiências na constituição dos posicionamentos estético-políticos. Desse modo, a aparência e toda a carga que as estampas provocam aos mais diversos imaginários sociais se dará a partir da própria potencialidade aparente que o sujeito adorna, o obrigando – na maioria das vezes – a se projetar de forma afínua com um dos lados do pólo e passar a legitimar o seu pensamento também pela forma como reveste o corpo.

Não poderíamos falar sobre roupas e as suas formas de uso sem deixar de comentar sobre como tudo isso impactou o mercado e os seus consumidores. A comercialização de roupas, portanto, com as estampas de “Bolsonaro2018” e “EleNão” logo tomaram conta das ruas e as divisões começavam a se formar, como aquelas em que mais pareciam estar sendo divididas por times de futebol, como comprar uma camisa do Flamengo e não do Fluminense, por exemplo.

Se nas mídias tradicionais percebíamos um crescente enfrentamento em que cada um/a defendia seus pontos de vista diante do cenário político, as roupas tornaram-se mais um elemento narrativo que transpassa os espaços e que acaba se tornando essa mídia ambulante, no intuito de propagar as múltiplas e complexas intencionalidades desse espetáculo adornado. As formas como estavam apresentados esses espetáculos de estampas que gritavam de um lado e do outro e chamavam os seus “eleitores” por afinidade estética e política que cada imagem provocava ia desenhando o papel de identificação com os que preferiam vestir uma determinada estampa em detrimento da outra. O vestir tal estampa estava, desse modo, correlacionado com a afinidade política que cada consumidor se empenhava e a unidade estética que tal estampa provocaria nos regimes sensíveis e na forma como o sujeito se via e era visto pelos demais.

Com os sentidos à flor da pele e uma intensificação crescente em mostrar-se para o outro, construíram-se estereótipos que, marcadamente, encaixavam os sujeitos em um ponto desse jogo de disputas narrativas. Não bastava apenas falar, era preciso informar através de suas roupas, em forma de estampas e vistas por todo um público de mídias intensificadamente estimulado por essa moda, um determinado enviesamento narcísico em que, em seu sentido político, tornou-se popular e ideal diante de um contexto que só separava o país. A moda, nesse ponto, foi mais um dos segmentos que se potencializaram

perante os discursos politizados entre os que atacavam o bolsonarismo e os que o defendiam. A subjetividade que as estampas emprestavam revelam que os caminhos traçados pelas escolhas dos consumidores assumiram também um papel de mercado na qual a moda, as tendências e os estilos souberam bem aproveitar. O sujeito, desse modo, não ficaria sem escolhas. Era possível optar por qualquer uma das estampas e marcar o seu território de enfrentamento com a imagem que melhor lhe definiria.

Em outro ponto, a convergência das mídias do corpo e das redes se integralizava as escolhas de um público – e de forma coletiva – cada vez mais convidado a se manifestar e a participar dessa nova narrativa política que começava a se instaurar no Brasil. O funcionamento dessas amplificações e decisões de massa funciona mediante o que diz a autora Butler, por exemplo, “por mais importantes que sejam as palavras [...] elas não exaurem a importância política da ação plural e corpórea” (BUTLER, 2018, p. 25).

O autor estadunidense e pesquisador dos meios de comunicação, Henry Jenkins, o primeiro a formular o conceito de narrativa transmídia, afirma que o processo de amplificação das narrativas, decorrentes da convergência permitida ao público, cada vez mais em sua potencialidade, é observado como um resultado da ação em que as diversas plataformas se complementam na contação das histórias, cada uma a sua maneira (JENKINS, 2009). Portanto, a convergência tratada nos mais diversos aportes de informação uniram-se às manifestações corporais dos sujeitos e de suas inscrições – roupas, performance, discursos – como modo de potencializar as falas sejam em qualquer espaço que fosse.

Ao trazermos aqui o debate ancorado sobre as vestimentas, as estampas analisadas nesse trabalho refletem uma circulação midiática que não cansa de informar, ou seja, a todo instante a representação de suas imagens na roupa repercutem nas mídias e nas redes sociais, particularmente, adentrando socialmente enquanto potencialidades nos discursos que formalizam e amplificam essa polarização. Vejamos na imagem abaixo o momento em que um vendedor ambulante comercializa camisas com as estampas escritas “Bolsonaro2018”:

Figura 1 - Vendedor ambulante vendendo camisas de Bolsonaro.



Fonte: João Batista Jr. (Veja São Paulo-Online)

Se por um lado temos aqueles/as que se incomodam com quem luta pelos direitos civis das minorias, vistas como desobedientes, e preferem vestir as camisas com a estampa “Bolsonaro2018”, na outra frente de enfrentamento são fortemente observados as vozes da experiência sobre os indivíduos que, em sua pluralidade, não exitam em vestir o “EleNão” para defender um campo político de seus corpos. Segundo a autora Renata Pitombo Cidreira (2005), o “estilo vai nos auxiliar a entender certos agrupamentos nos quais a aparência, a composição do look é um dos elementos de reconhecimento e aglutinação; bem como a reconhecer o consumidor como um participante do jogo da moda (...)” (p. 127). Portanto, o auxílio e o suporte que a vestimenta ordenará será parte de um jogo decisivo do discurso e ao qual o estilo permitirá aglutinar sujeitos em certo grau de familiaridade.

O sensível e o “outro”

As imagens e as frases escritas nas estampas das blusas, das camisetas e dos demais adereços do corpo ajudam a formar a visão crítica e sensível nesse novo modo de ver e propagar os posicionamentos nessa contemporaneidade e como estão sendo borradas essas fronteiras que delimitam o espaço privado e o público e que interferem na forma como lidamos com a liberdade de expressão. Precisamos compreender de forma crítica os efeitos que, advindos dessa potencialidade da vestimenta, assim como da carga que as estampas carregam, e na sua relação ampliada sobre outras mídias, podem vir a ser propagadas na esfera pública. A autora Judith Butler comenta que:

Nesse momento, a política não se define por tomar lugar exclusivamente na esfera pública, distinta da esfera privada, mas atravessa essas linhas repetidas vezes, chamando atenção para a maneira como a política já está nas casas, nas ruas, na vizinhança ou, de fato, nos espaços virtuais que estão igualmente livres

Por isso, a observação dessa polarização a partir das estampas nas camisas intensifica-se sobre essa percepção sensível que se instaura, diante das complexas e múltiplas visões de mundo em que sua comunicação elucida ao corpo experimentar no âmago de seu vetor político. Nesse sentido, não devemos “pensar no corpo ou no psiquismo como partes do mundo, como um simples objeto da biologia ou da psicologia, pois tudo que se sabe do mundo, sabe-se pela sensação e percepção que se tem do mundo.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 6). Esta citação do filósofo Merleau-Ponty nos auxilia a entender o fator que provocamos aqui ao conceber os sujeitos como parte de mundo que os circundam e que testemunha seus modos de viver, falar, expressar de maneira compartilhada. A autora Butler argumenta sobre esse processo de ser visitado diante dessa categoria notável em que sujeitos

O que significa, então, aparecer na política contemporânea? E podemos considerar essa questão de alguma forma sem recorrer à mídia? Quando fazemos uma consideração sobre o que é aparecer, concluímos que aparecemos para alguém e que o nosso aparecimento tem de ser registrado pelos sentidos, não apenas os nosso, mas os de alguém mais. Se aparecemos, devemos ser vistos, o que significa que nosso corpo deve ser enxergado, o seu som vocalizado deve ser ouvido: o corpo deve entrar no campo visual e audível. (BUTLER, 2018, p. 95).

Visto o “EleNãO” como uma resposta ao que representa o Bolsonaro2018 e vice-versa, sempre nesse jogo de intencionalidades e tensionalidades, não deixaremos de analisar as questões aqui discutidas sobre o ponto de vista no qual nos é permitido sentir e perceber a si e ao outro a partir de seu carregamento vestimentar. As amplificações das discussões nas mais diversas plataformas ganham voz no corpo das mulheres, dos negros, dos pobres, dos indígenas, dos LGBTQ+, que incluem estas vestimentas como diálogo midiático de enfrentamento às investidas de um “outro” (normal) que não é outro como esse, pois não lhes tiraram a humanidade, mas é um “outro” que está direcionado a um viés que aterroriza sujeitos historicamente excluídos a partir das violências que sua imagem e sua escrita podem representar na roupa e no outro.

A ideia de outro abjeto, cuja segmentarização feita para torna-lo outro, sem pertencimento no fluxo de uma normalidade posta, se configura como manutenção de um projeto de dominação que visa criar assimetrias, fórmulas binárias para disciplinar os sujeitos e com isto, assimilar a diferença como pressuposto para a legitimação de projetos e políticas de aniquilamento, no lugar de aderi-las na conformação de uma cocriação da esfera de um comum no campo social. É possível confluirmos certa dialética nas disputas estéticas de

poder, nas estampas analisadas, em que se tem de um lado, no Bolsonaro2018 uma postura afirmativa quanto ao anseio por um representante de poder confluyente a uma cultura política de cunho autoritário e intolerante, e o EleNãO, de caráter opositivo a tais anseios e as violências oriundas deles, ao que postula Judith Butler em Quadros de guerra (2017) ao afirmar serem as normas que atuam sobre a definição dos sujeitos, sociais por natureza. Atesta a autora:

O ‘um’ singular que luta com a não violência está em processo de reconhecimento de sua própria ontologia social [...] se o ‘eu’ é formado por meio da ação das normas sociais, e invariavelmente com relação a vínculos sociais constitutivos, pode-se inferir daí que toda forma de individualidade é uma determinação social. (BUTLER, 2017, p. 4).

Figura 2 - Mulheres em ato contra Bolsonaro no Mato Grosso.



Fonte: Juliana Arini (Circuito Mato Grosso)

Observamos que tanto nas estampas das roupas com a escrita “EleNãO” quanto nas estampas com “Bolsonaro2018”, o emblemático discurso que tomou conta das ruas e das redes poderia ser encontrado também nos rostos, nos brincos, nos adereços, nas faixas e em qualquer outra extensionalidade que pudesse transmitir e alcançar as manifestações que tinham também como intencionalidade provocar no outro as diversas possibilidades que tais adereços insinuavam. Assim, estavam ancorados aos discursos não-verbais dos adornamentos dois pólos que não se entrecruzavam: a defesa igualitária sobre as diversidades étnico-raciais, de expressões de gênero, sexuais; além de discursos contrários e que deixavam explícito o antipetismo e demais seguimentos do que chamamos de esquerda.

Pois bem, estas estampas, vistas como ponto de discussão para certa tendência política, “deve ser instigante para fazer crescer o número de consumidores desejosos em possuir objetos” (CIDREIRA, 2005, p. 72) e, então, chamar aqueles/as para gritar os seus discurso ou, talvez, como reagir a tais. Percebemos que o destaque sensível se movimenta por conta de uma discussão que problematiza humanidade e não-humanidade, corpos normais e anormais, normas e desobediências, e assim por diante? Essa é uma discussão que, retomado esses

binarismos, intensificou as relações com o indivíduo, ao qual as estampas puderam demonstrar. As características peculiares do que significava (e ainda significa) cada estampa foram decisivas na compreensão de um movimento que não sabemos até onde irá cessar e essas escolhas se findam principalmente em um momento das Eleições presidenciais em que os embates não mais se aproximaram e as dúvidas começavam a se embaralhar com as verdades, como temos o bom exemplo das *fake news*.

Todas essas discussões encontraram na roupa sua nova forma de potencializar a relação que se fez crescente nas determinações e fixações dos discursos. O entusiasmo de adquirir tais vestes, ainda que de forma jocosa, problematizou pensarmos também sobre como um determinado posicionamento já poderia estar presente e, consequentemente, encontrou nesses elementos visuais da vestimenta a forma de reabrir e exprimir os seus anseios, emoções, falas, preconceitos, afinidades, etc. Assim, as estampas demonstrariam uma profunda relação que investisse em comunicação e sensibilidade no momento em que suas aparições tornariam-se evidentes num plano cada vez mais convergente e de impacto social para o novo público.

Violência na nova era digital e política

Foi ficando crescentemente mais sensível a percepção de que as estampas se inseriam, de uma forma ou de outra, mais próximas de um embate que se pujava pelo antagonismo que se criará a partir das “ideologias”, aonde de uma banda extirpavam a figura de um, até então, presidenciável e da outra se exaltavam seus discursos e derivados. É diante dessa lógica e percepção das transfigurações dessa narrativa que o objeto da vestimenta e o elemento composicional da estampa entram em seus devires de observação ao que os seus efeitos provocam. Portanto, a roupa fala; ela comunica no nosso ponto de vista os anseios de um movimento politicamente atuante na esfera cultural e que projetamos na estampas as suas características mais específicas e de afinidade ao sujeito.

Ao interrogar sobre os “perigos das pessoas falarem” (e que aqui compreendemos nas formas verbais e não-verbais de comunicação) e de seus “discursos proliferarem”, Foucault (2012, p. 8) abre uma discussão sobre quais os tipos de consequências que tais comunicações/discursos podem gerar. Levamos a pensar sobre o intenso campo polarizado dos efeitos das estampas “Bolsonaro2018” e do “EleNãO” que tiveram (e têm) como consequência o ganho nas disputas narrativas, uma vitória que parte de um lado por presupostos articulados na ofensiva ao discurso sobre aqueles aos quais suas demandas foram historicamente expulsas dos espaços e do outro estampas que assim como o EleNãO estimulam

um combate aos protocolos fascistas, como também reestruturação de uma política que visibilize corpos desobedientes.

Desse ponto de vista, destacamos, a partir das palavras de Jota Mombaça, como se configuram as violências, objetivando pensar as subjetividades em que a roupa pode informar ao outro na marcação de seus posicionamentos; destacando-se àqueles que operam sobre a lógica de levantar uma bandeira ancorada sobre uma imagem que violenta corpos e outra que segue numa contramão dos discursos fascistas e excludentes como forma de demarcar esse *t* A partir disso, Mombaça destaca que:

No marco desse design global, a violência é gerida para ser mortal para muitos e lucrativa e/ou prazerosa para uns poucos. No marco desse design global a violência cumpre um programa e opera em favor de um projeto de poder anexado a heteronormatividade, cis supremacia, neocolonialismo, racismo, sexismo e supremacia branca como regimes de exceção (MOMBAÇA, 2016, p. 9).

Complementando o que foi acima citado, observamos que as violências geridas são inseridas e construídas para que seja mortal para uns e intocável sobre outros, ou seja, é a desigualdade de violência gerida a partir dessas marcas e distinções sociais e que não podemos deixar de observar em quais instâncias e efeitos são também impactadas pelas estampas que cada consumidor escolhe pra si. As estampas aqui apresentadas são analisadas em seu aspecto ambivalente ao que possa torná-la tanto uma propagação de um discurso de ódio ou apresentar-se ela mesma como “manifesto não-verbal de subversão política” (MCLUHAN, 2005, p. 142).

Essas mensagens, tanto Bolsonaro2018 quanto EleNãO, carregam as forças que estão por trás de suas narrativas; são mensagens-gritos que saíram das ruas e foram também paras as redes com suas hashtags. Ainda que haja aquele/a que diga ser apenas uma camisa e que em nada reflete sobre os campos interpretativos nas relações sociais, a mensagem com a qual quer transmitir a partir dessas estampas podem dizer, ao seu redor, em qual lugar você se encontra. E voltando a tratar sobre as camisas do Flamengo e do Fluminense, o jogo aqui não funciona apenas no sentido de me identificar com um dos times, a escolha se dá por diversas variáveis que no contexto ao qual o indivíduo está inserido e partilha dele é que se tornará decisivo a escolha que fará ao encarar vestir uma das estampas.

Desse modo, não podemos negar as investidas que as vestes permitem na comunicação que estabelecemos diariamente e como tudo isso provoca o outro. Para quem tem consciência das disputas estéticas, políticas, sociais, etc. no nosso país, conseguiria imaginar que ao vestir uma das estampas apresentadas esta pessoa estaria fora de alcance sobre o que

determina cobrir-se com cada uma dessas políticas?

Nessa relação midiática que se estabelece entre as diversas potencialidades narrativas do cotidiano e das redes digitais e que paralelamente se convergem, refletimos que as estampas nas roupas são partes significativas para os desdobramentos dessas narrativas, dando sentidos mais amplos de sua realização enquanto forma e ato de comunicar algo. Se em uma dessas estampas observamos uma violência direta, unilateral, em que as desigualdades marcam o desejo por um presidencialismo que discute as questões das minorias (mulheres, negros, indígenas, LGBTQ+, etc.) como algo menor ou sem valor, por outro lado a estampa do “EleNão”, nessa ambiguidade instaurada, se constrói enquanto marca de uma política-estética amparada sobre a conscientização sensível e de repúdio às violências sobre os corpos sociais que historicamente produziram suas chamadas desobediências.

Seguindo A interpretação das Culturas (1989), do autor Clifford Geertz, observamos que a partir de sua citação de pensar o ser humano como “um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” (GEERTZ, 1989, p. 4), o próprio emaranhado que hoje coloca o ser humano nos mais diversos espaços e o mais importante, se comunicando de forma abrangente, é analisado sob o ponto de partida na discussão sobre os desejos que, mesmo em escritas e imagens estampadas, dizem o bastante sobre quem a veste e comunicam a todo instante questões que se desdobram em problematizações históricas e de análise sensível. A própria estampa com as escritas fazem parte no jogo de disputas também nas redes digitais, funcionando como as chamadas hashtags e que como cita Geertz (1989), amarrrou ainda mais o ser humano as suas teias, dando as possibilidades de interação nessa era de convergências. Por isso, os gritos que saem das redes sociais, também ecoam nas ruas nas mais diversas formas de expressar o corpo, inclusive através das estampas. Reforçamos que mais do que ideais projetados nas estampas estão sendo discutidos, estamos tratando de abordar sobre processos que desumanizam uns e outros não, que dizem que determinados sujeitos políticos teriam direito ao luto ou não e que diz respeito à forma como enxergamos o outro e o colocamos nessa categoria de abjeção porque o “normal” precisa afirmar a sua existência pela diferença (BUTLER, 2018).

Considerações Finais

Esse artigo foi descrito com a finalidade de observarmos as potencialidades que a roupa com suas estampas, em sua função midiática, podem provocar no nosso modo de escolha e afinidade ao que destacamos nas estampas com a descrição “Bolsonaro2018” e “EleNão”. Analisamos como o conjunto dos discursos verbais com os não-verbais

da vestimenta se complementam, dando maiores sentidos ao envolvimento que permite o sujeito estar vivenciando.

Dentro da esfera pública, ser notado e admirado tem se tornado um objetivo a ser perseguido. As regras que se estabelecem nesse convívio público são muito cruéis. Quem não consegue atingir os códigos simbólicos, metas para estar em conformidade com os moldes vigentes, é excluído, não alcança aceitação e admiração. Distante desses modelos, devido à grande rapidez com que os cânones midiáticos se articulam e se transmutam, o homem contemporâneo submete-se à dinâmica e à velocidade dos modismos, valorizando o efêmero. No sistema da moda, definir apenas um modelo pode significar o decreto da sua falência.

Não deixamos de apontar a qual imagem se conclamava enquanto vetor de potencialidades violentas e qual estampa lutava por uma postura impulsionalizada pelas desobediências civis, estéticas, morais, etc. que observávamos nos efeitos do EleNão, EleNunca, etc. Portanto, jamais poderíamos conceber que seria o contrário que se mostrava, pois como disse Paulo Freire “Como poderiam os oprimidos dar início a violência, se eles são o resultado de uma violência?” (1987, p. 23) e ainda, como poderiam os oprimidos utilizar de mecanismos estéticos que os colocassem contra ele mesmo?

Estas movimentações permitidas pelas intensas relações que as mídias iriam proporcionando não aderiram somente a uma moda que se instaurava com as intensificações dos candidatos à Presidência da República no Brasil, os gerenciamentos das roupas e suas conclamadas estampas passavam a referir-se como mais um elemento de divulgação e marcação nos espaços, fossem eles encontrados no âmbito social ou nas redes digitais. Daí, dá-se a convergência e a própria comunicação dessas estampas inseridas num campo de potencialidades que permitiram ao sujeito identificar seus/suas aliados/as ou aqueles/as, ao qual a imagem e escrita estampada já o/a violentaria. Portanto, não há como negar que as descritas estampas comunicam emoções e, sobretudo, complementações de outros discursos midiáticos. É importante reforçarmos, diante das agendas políticas que foram criadas entre os candidatos, que esse projeto que trata sobre pautas minoritárias deve ser combatido e reprimido das esferas sociais e não apenas minorado.

Referências

BUTLER, Judith. Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia. Tradução de Fernanda Siqueira Miguens. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

_____. Judith. Quadros de Guerra: Quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CIDREIRA, Renata Pitombo. Os Sentidos da Moda: vestuário, comunicação e cultura. São Paulo: Annablume, 2005.

JENKINS, Henry. Cultura da convergência. São Paulo: Aleph, 2009.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. 22ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

McLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. 14ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, Ltda, 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOMBAÇA, Jota. Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência. Publicação comissionada pela Fundação Bienal de São Paulo em ocasião da 32ª Bienal de São Paulo – Incerteza Viva, 2016.